



Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana • Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 2005



**Eu
nunca
quis
ser
escritor**

“Eu nunca quis ser escritor”



Não aceita ser coroado melhor escritor cabo-verdiano da actualidade, mas Germano Almeida é de facto a principal referência da literatura cabo-verdiana de agora. Com best-sellers traduzidos em várias línguas, destacando-se O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo, o autor desvenda nesta entrevista como descobriu o prazer da escrita, fala dos livros que já escreveu dos que lhe falta escrever, faz o diagnóstico da literatura, política e sociedade cabo-verdianas e traça o seu futuro. Sempre com muito humor, pois, como bom cabo-verdiano, ri-se das suas próprias desgraças.

ENTREVISTA POR: TERESA SOFIA FORTES

A Semana - Aceita o título de melhor escritor cabo-verdiano da actualidade?

Germano Almeida - Se me disserem que sou o **mais grande** escritor cabo-verdiano da actualidade, eu aceito, porque de facto não há em Cabo Verde um escritor mais alto do que eu. Diria que há coisas na minha maneira de escrever que as pessoas gostam, assim como há escritores que leio um pouco mais do que outros e do que a mim próprio, aliás, não leio as minhas obras. Também há escritores que são mais intervinientes do que outros. Não acredito que seja possível classificar um escritor como o melhor. Portanto, é evidente que eu rejeito esta definição.

- Como nasceu em sua vida a necessidade de escrever? Começou cedo ou a escrita é uma experiência da vida adulta?

- Comecei a escrever desde os meus 16 anos e pelas razões mais diversas. Sempre achei que a escrita era uma forma de desabafar e, de facto, comecei a escrever para me libertar dos meus medos. Uma vez na Boa Vista morreram algumas pessoas no mar, eu tinha medo delas e escrevi uma história imaginando a forma como elas teriam morrido, de modo a libertar-me do medo que tinha dessa gente. Não me dedico a falar muito com as pessoas a nível de confidências, uso muito mais o papel para confidenciar e também para transformar...

- Existem grandes diferenças entre as suas primeiras experiências literárias e os livros que veio a publicar mais tarde?

- Mudou algo na minha maneira de escrever a partir de certas leituras. Eça de Queirós, Jorge Amado posteriormente Garcia Marquéz foram determinantes. Eu não aceito nem rejeito influências literárias. Eu nunca escrevi como alguém. Nunca disse: vou escrever como Garcia Marquéz. Mas acho que os escritores mais próximos de nós dão-nos a libertação. Quando li Garcia Marquéz, a impressão que tive foi esta: afinal, nada é proibido a nível da escrita. As his-

tórias que conto no livro “*A Ilha Fantástica*” eram histórias que conheci desde miúdo, mas dizia para mim mesmo que se eu as escrevesse, alguém me acharia louco. Mas depois li **Cem anos de Solidão**, de Garcia Marquéz, decidi que iria também escrever sobre a minha ilha, Boa Vista, porque as personagens que Garcia Marquéz descreve nos seus livros não são diferentes daquelas da **Ilha Fantástica**, e ele ganhou o Prémio Nobel da Literatura. Portanto, vou escrever também sobre a Boa Vista exactamente para dar a conhecer esta realidade da minha ilha.

- Enfrentou dificuldades para lançar um livro, ou teve sorte na primeira tentativa?

- Eu não tive as grandes dores que os autores normalmente têm. Mas também não passaria essas dores, pela simples razão de que eu nunca quis ser escritor. Desde menino, sempre quis ser advogado. Ser escritor fazia parte de mim, mas nunca pensei em publicar. Vim a publicar por acaso quando fundámos a revista **Ponto & Vírgula** e por uma razão muito simples: eu tinha uma série de coisas escritas, sobretudo sobre a ilha da Boa Vista e dizia ao pessoal - ao Leão Lopes e Rui Figueiredo - que íamos publicar a revista e que caso faltasse material eu tinha algumas coisas. E, como ao contrário do que esperávamos, não houve material para publicar, entreguei ao Leão os meus contos sobre a Boa Vista. Ele leu, gostou muito e disse que íamos publicar essas histórias. Publicamos, e de facto, as pessoas gostaram. Tudo isso se transformou numa bola de neve. Depois escrevi **O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo**. A Ana Cordeiro leu e me disse que tínhamos de publicar o livro. Na altura, existia o Instituto do Livro e do Disco, que passava anos para publicar alguma coisa. Decidimos que o melhor seria fundar uma editora, a Ilhéu Editora, com Filomena Figueiredo, Ana Cordeiro, Leão Lopes, Carlos Veiga e Graça Morais, uma pintora portuguesa que estava aqui em Cabo Verde e que fez questão de entrar na editora. Quando publicámos **O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo** mandámos dois ou três livros para ela, lá em Portugal. Não conheço muito bem a história, mas creio que Graça Morais deu um exemplar ao José Saramago, que leu, gostou e levou o livro à editora Caminho. A Caminho contactou a Ilhéu Editora, dizendo que estavam interessados em publicar o livro. E, de facto, publicaram. Fui então a Portugal, conhecemo-nos, ficámos amigos e neste momento sou considerado um escritor da Caminho, quando na verdade sou um escritor da Ilhéu Editora.

- O que despertou em vós, nos anos 80, o desejo de criar uma revista como Ponto & Vírgula?

- O Leão Lopes tinha na altura o Alternativa, um espaço onde nos reuníamos ao fim da tarde para tomar um chá, beber pontche, comer cuscuz com mel e para conversar. Um dia, numa conversa com o Rui e o Leão, decidimos fundar uma revista. O Leão Lopes é que veio com a ideia do nome: Ponto & Vírgula. Na altura só existia a revista Raízes, com características diferentes e mais virada para a investigação. Pensámos então criar uma coisa mais fresca. Além disso, não se publicava nada em Cabo Verde desde a independência, daí pensávamos que as

KRIOLIDADI

peças estariam com as gavetas cheias. Agendámos uma data para a estreia, mas não tínhamos material. Assim, na falta de outro material, publicámos os meus contos. Curiosamente, foram os escritores mais da geração da Claridade - Baltasar Lopes, Aurélio Gonçalves, Félix Monteiro, Manuel Lopes - que mais colaboraram connosco. Entre os mais jovens, tínhamos o Arménio Vieira e o José Vicente Lopes.

- Então, como conseguiram levar adiante a Ponto & Vírgula?

- Fomos empurrando, pedindo, solicitando... E depois havia essa coisa maravilhosa que é a colaboração do povo de São Vicente. Os sócios pagavam uma quota mensal de 100 escudos para de dois em dois meses ter uma revista que, de facto, poderiam comprar por 50. No fundo, os privados compravam a revista por 50 escudos quando os sócios, que deveriam beneficiar de desconto, compravam a revista por 200 escudos.

- O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo é um best-seller, com várias edições. Surpreendeu-o a adesão da sociedade cabo-verdiana a esse seu primeiro livro?

- Seja o que for que eu diga agora será à distância. Quando publicamos um livro esperamos sempre que venda muito, porque é sinal de que as pessoas gostam. Na época em que resolvemos que iríamos publicar, a edição de um livro era de 300 exemplares. Fomos à gráfica e verificámos que saíria quase pelo mesmo preço fazer o dobro de exemplares. O livro teve uma aceitação maravilhosa. Como dizem as pessoas foi um corte com aquilo que se escrevia até então em Cabo Verde, porque era um livro divertido.

- O sucesso desse seu primeiro livro, despertou em si uma maior criatividade e escreveu outros livros?

- Eu tinha outros livros já escritos. Aliás, quando publiquei **O Testamento** já vinha escrevendo há muito tempo **O Meu Poeta**. Eu achava que faltava uma intervenção mais forte na sociedade cabo-verdiana. Numa conversa com o Manuel Ferreira, uma vez que veio a Cabo Verde, eu dizia-lhe que estava tentando escrever um romance que decorre no período pós-independência. Ele responde-me que era muito cedo para fazer isso. Mas decidi experimentar. Quis escrever **O Meu Poeta** como um romance de crítica à sociedade política, ao oportunismo que grassava à volta do PAICV. Só que, enquanto **O Testamento do Senhor Napumoceno** é um livro ligeiro, quase de brincadeira, **O Meu Poeta** é um livro muito sério, chato, cansa. Naquela altura, a gente tinha a ideia, que se revelou falsa, de que havia censura. Aliás, a censura está é nas próprias pessoas que são vítimas dela. Então, decidi escrever um livro em que diria tudo porque não deixariam que escrevesse um segundo. E **O Meu Poeta** desmistificou um bocado essa ideia do PAICV como partido único. Nós publicámos a revista **Ponto & Vírgula** e nunca ninguém nos chateou. Pelo contrário, quiseram oferecer-nos papel ou outro material e nós é que recusámos. Publiquei **O Testamento** e **O Meu Poeta**, na maior, e não houve problema nenhum de censura. Porque nós temos muito a tendência de confundir partido único com totalitarismo, quando de facto são coisas muito diferentes.

- Acha que os políticos se reviram nalgumas das personagens de O Meu Poeta?

- (risos) O Abílio Duarte disse-me na altura que tinha lido e gostado do livro, que fazia uma crítica muito boa à sociedade. Mas, em Cabo Verde, temos um problema: as pessoas lêem mas não têm espírito crítico. Alguém lê um livro e quando termina diz: gostei ou não gostei. Isso é uma questão de dimensão cultural. É a cultura que nos permite vivenciar, dimensionar e comparar. Se não temos esse background não chegamos lá. Isso acontece porque também as pessoas não têm conhecimento da realidade. Por exemplo, neste momento estou abismado com um livro que um jornalista escreveu sobre a China, **China Adentro**, porque está a dar-me um conhecimento do país, de que eu não tinha a mais pequena ideia. A gente imagina a China sempre como uma coisa secular, quase imutável, e constata através desse livro que o país está a mudar quase a toda a hora.

- E alguma vez alguém abordou-o e identificou-se com personagens de outras obras suas?

- Já, sim, sobretudo ultimamente, com a publicação de **O Mar da Lajinha**. Aliás, todos nós somos personagens. Eu pró-

prio sou personagem dos meus livros. Uma vez uma pessoa, cujo nome não vou mencionar, surpreendeu-me, porque eu não dava nada por ele em termos intelectuais, com uma observação curiosa. Leu **O Meu Poeta** e disse-me que eu estava em todos os personagens, mesmo os femininos. E ele tem razão. Eu sei que quando lanço um livro acontece quase uma brincadeira em que as pessoas tentam descobrir quem são os personagens dos meus livros. O interessante é que escolhem sempre mal. Eu tenho um amigo que gosta de um dos personagens de **O Meu Poeta** e que diz que é ele. Realmente ele está no livro, mas não naquela personagem que ele pensa.

- Essa sociedade cabo-verdiana que descreve nos seus livros é a verdadeira sociedade destas ilhas ou tem muito da sua imaginação?

- É como eu vejo e caricaturei a sociedade cabo-verdiana. Tenho consciência de que quando escrevo sobre a Boa Vista o meu olhar é particular, diferente do olhar que tenho de São Vicente. Tenho um grande carinho por São Vicente, gosto de viver nesta ilha, mas vejo São Vicente de fora, sempre. Em relação à Boa Vista é diferente, pois mesmo estando fora estou dentro da ilha. Sou um homem da Boa Vista e, então, o carinho que eu tenho pela minha ilha é completamente diferente. Eu penso que a ironia que eu sou capaz de ter sobre São Vicente não sou capaz de ter em relação à Boa Vista. Em relação a São Vicente sou um filho de fora que se sente como filho de fora, mas na Boa Vista sou filho de dentro e sinto-me filho de dentro. Então, o meu olhar sobre a Boa Vista é mais carinhoso.

- E como é que vive a sua ilha Boa Vista estando em São Vicente?

- Raramente vou à Boa Vista, mas quando estou lá sempre quero ficar. Mas, não posso. Quando chego lá, poucas horas depois já me sinto outra vez da Boa Vista.

- Escreve crónicas para o jornal A Semana e também para a revista Pública, do jornal Público, de Portugal. Esse é um exercício que tem necessidade de fazer para expressar, para desabafar como disse, continuamente a sua visão do mundo?

- De alguma forma, sim. Às vezes faltam temas sobre os quais posso escrever. Sabe, eu sinto necessidade de intervir na sociedade em que estou, que é minha. Sou um homem cabo-verdiano, vivo em Cabo Verde, as coisas daqui dizem-me respeito e tenho necessidade de intervir sobre elas. Não concordo quando as pessoas afirmam: "*A política não é comigo*". Não, a política é comigo sim. Quando não concordo com uma coisa digo claramente, e não me interessa se vai agradar ao partido A, B ou C.

- Acha que os políticos lêem avidamente as suas crónicas para saber o que diz ?

- Eu espero bem que sim (risos), porque no fundo são eles os responsáveis por nós.

- Acredita que a escrita pode ser uma arma?

- A escrita é, sem dúvida, uma arma. Se serve para mudar as coisas, é que não sei. A escrita é uma arma principalmente quando é usada em forma da ironia, uma arma ainda mais poderosa e feroz do que a própria escrita. As pessoas e os políticos em particular que se permitem cair nas garras da ironia não se salvam. Mas a escrita é também uma arma que tem que ser usada com muita cautela. Eu reconheço que sou um homem bem humorado, mas evito ser excessivamente sarcástico porque não é uma arma que favorece muito.

- E o cabo-verdiano é, na sua opinião, um homem bem humorado?

- Sim. Nós falamos do badiu como o homem sério de Cabo Verde, mas na verdade é um dos homens mais bem humorados do país. A questão é que o badiu tem uma ironia muito particular. São Vicente tem uma ironia mais directa, mas no geral o cabo-verdiano é um homem bem humorado, que ri da sua própria desgraça. Isso é um dos elementos mais importantes da nossa cultura, e que devemos valorizar.

- Quando li o seu livro "Os Dois Irmãos" fiquei muito impressionada com a história, principalmente depois de tomar conhecimento de que se tratava de uma história verdadeira, que aconteceu mesmo. O facto de ser advogado de profissão ajuda-o a escrever certas obras?

- Sim, a profissão de advogado ajuda-me imenso. Eu fiquei a dever este livro ao personagem que eu chamei André, não sei

qual é o seu nome na vida real. Um homem que julguei, uma vez que fui o procurador da República, o acusador do processo dele, mas que eu não compreendi. Eu também pensava que esse género de história já não acontecia em Cabo Verde. Passaram 30 anos e espero que já não aconteçam histórias dessas no nosso país. Se compararmos o Cabo Verde de 1975 com o de agora, temos razões para nos sentirmos orgulhosos daquilo que fizemos. Na Boa Vista seria impensável um irmão bater num outro com pau quanto mais com uma faca, quanto mais matar. Depois do julgamento, ainda fiquei em Santiago, conheci melhor as pessoas e entendi que aquele era um comportamento normal na comunidade de onde provinha o acusado. Temos que reconhecer que temos sub-culturas em Cabo Verde. Desde a independência e têm-se diluído e estou convencido de que vai ser uma só, mas ainda não está. Vim a compreender que esse indivíduo de Santiago tinha sido vítima da sua realidade. Ele não poderia fazer outra coisa senão aquilo que fez, caso contrário passaria a ser um homem desprezado. De maneira que eu disse: tenho que me reabilitar escrevendo este livro. Já tinha a ideia na cabeça, mas não sabia como escrever a história. Entretanto, comecei a ler o livro "*Crónica de uma morte anunciada*", de Garcia Marquez, gostei, e assim que terminei, comecei a escrever **Os Dois Irmãos**. Reconheço que fui influenciado neste caso pelo livro do Garcia Marquez.

- A literatura cabo-verdiana está bem de saúde e recomenda-se?

- A literatura cabo-verdiana não está bem nem se recomenda. Os nossos escritores deveriam preocupar-se menos em publicar. Os chineses têm um provérbio que é muito interessante e que ilustra bem qual deve ser a postura dos escritores: "*Não tentes escrever um livro, antes de leres pelo menos mil*". Ou seja, temos que dar tempo para as ideias amadurecerem e só depois publicar.

- Já experimentou escrever em crioulo?

- Não, nunca experimentei escrever em crioulo, nem vou tentar. Eu não me sinto menos cabo-verdiano por falar 95% do tempo em português e por escrever sempre em português. Acho que o português é uma língua tanto dos portugueses como nossa. Nós temos que aprender a usar o português bem, e usá-lo no sentido de fazer com que ela seja capaz de transmitir a nossa identidade. Não temos que escrever o português como os portugueses. Os portugueses dizem que não se deve dizer "*mais grande*". Mas, mais grande muitas vezes traduz aquilo que a gente quer dizer. Outras vezes, diz-se que "*tal fulano foi morto*", mas há muitos casos em que o fulano não foi morto, "*foi matado*". O crioulo está cá para durar, não está em perigo. O que não devemos pôr em perigo é o português.

- Concorda ou não com a oficialização do crioulo?

- Não tenho nada contra a oficialização do crioulo. O que eu não quero é que se substitua o português pelo crioulo. Nós temos que assumir isto: o nosso nacionalismo não se revela através do uso do crioulo, pode-se revelar através de qualquer língua, por acaso é o português.

- Há algum livro que deseja escrever mas que ainda não conseguiu?

- Há um livro que eu gostaria de escrever mas que ainda não consegui, cujo argumento se passa em Santiago, no século XVIII. É uma história cabo-verdiana que é praticamente a repetição daquilo que aconteceu com os Távoras, em Portugal, que foram decapitados pelo marquês de Pombal. Uma história apaixonante. Alguma vez virá a ser escrito por mim ou por outra pessoa. O problema está em entrar completamente na época e movimentar-se lá dentro.

- E quando nos brindará com um novo livro?

- Não tenho nenhum livro na forja. Nos próximos tempos vou-me dedicar mais à advocacia do que à escrita, porque a escrita dá muito prazer mas não dá dinheiro. Infelizmente, um gajo tem que comer.

... em Cabo Verde, temos um problema: as pessoas lêem mas não têm espírito crítico. Alguém lê um livro e quando termina diz: gostei ou não gostei. Isso é uma questão de dimensão cultural. É a cultura que nos permite vivenciar, dimensionar e comparar. Se não temos esse background não chegamos lá.



KRIOLIDADI

Agenda Cultural



O grupo de dança "Bibinha Cabral" vai homenagear a famosa cantadeira de batuque santiaguense, amanhã, 12. A cerimónia, que pretende recordar o 105º aniversário desta figura importante da cultura cabo-verdiana, terá lugar no Tarrafal, município natal de Nha Bibinha Cabral.

Este grupo de dança cabo-verdiana tem vindo a apostar, desde 1995, na preservação e divulgação da cultura cabo-verdiana. Entre as suas actuações contam-se a participação em espectáculos da EXPO'98, em Lisboa, ou na Semana da Cultura cabo-verdiana, em Dacar.



Valter de Andrade participa amanhã, 12, na final do Campeonato de Língua Portuguesa que acontece em Lisboa, Portugal. O jovem cabo-verdiano, de 14 anos, natural de São Vicente, é o único estrangeiro apurado para a final, que será transmitida em directo no Canal Sic.



Já está nas bancas o primeiro número da "Dá Fala". O lançamento oficial dessa revista cultural, propriedade da Fou-Naná Projectos, acontece hoje, 11, às 18h30, na sede da Fundação Baltasar Lopes, Alto Miramar, Mindelo. "Dá Fala", que é dirigida pela jornalista Marta Lança e patrocinada pela Cooperação Portuguesa, tem uma periodicidade trimestral.



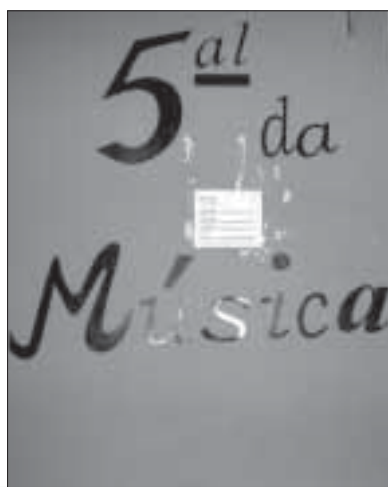
O guitarrista Andrew Mah actua amanhã, 12, no Auditório Nacional, na Praia, às 21 horas. A *tournee* do músico canadiano, que interpretará no concerto composições do cabo-verdiano Vasco Martins, Roddy Elias e Patrick Roux, é apoiada pelo Canada Council for the Arts e o Ministério da Cultura de Cabo Verde.



Em homenagem aos 56 anos do Desastre da Assistência, ocorrido na Praia, e aos três meses da morte de Ildo Lobo, o Palácio da Cultura promove no próximo dia 19, sábado, uma "ressa" tradicional com um grupo de homens e mulheres do interior de Santiago especialistas nesta forma de expressão oral.



Bety Fernandes e Rosy Timas, da companhia de dança contemporânea Raiz di Polon, apresentam amanhã, 12, no Teatro Nacional de Kampala, capital do Uganda, a peça "Duas sem Três". Na terça-feira, 15, e na quarta-feira, 16, a mesma peça é levada aos palcos do Centro Cultural Franco-Moçambicano de Maputo (Moçambique) e Alliance Française de Lusaka (Zâmbia), respectivamente. Espectáculos que fazem parte da digressão que o grupo realiza por África, como recompensa pelo prémio especial do júri do V Encontro Coreográfico de África e Oceano Índico.



Após a pausa do Carnaval, o Quintal da Música retoma as suas actividades hoje, 11, com o espectáculo do conjunto Tropical Som, às 22 horas. Amanhã, 12, Lela Violão e o seu grupo de apoio tocam as mornas e coladeiras tradicionais que já fizeram história nestas dez ilhas.

Bana e Nancy Vieira realizam, a partir deste fim-de-semana, uma digressão conjunta pela costa leste dos Estados Unidos, onde residem grandes comunidades cabo-verdianas. Amanhã, 12, a dupla actua no Club Ghetto, em Newark (Nova Jersey). Na segunda-feira, 14, Nancy Vieira e Bana cantam no Restaurante Cesária, em Dorchester (Massachusetts).



KRIOLIDADI

RICARDO DE DEUS

à luz das velas

O terraço do Palácio da Cultura iluminou-se com luz de velas para acolher os sons do piano de Ricardo de Deus. Num concerto rodeado de amigos, ocorrido na passada sexta-feira à noite, o pianista brasileiro residente em Cabo Verde fez incursões na bossa-nova, jazz e música cabo-verdiana.

“Vamos entrar num ambiente calmo que sirva de aperitivo para a paródia do Carnaval”, referiu o pianista várias vezes, ao longo do concerto. A solo, ou em cumplicidade com a bateria de Raúl, o baixo de Kizó ou o sintetizador de Caluca, Ricardo de Deus tocou músicas tão variadas como “Leãzinho”, de Caetano Veloso ou “Bli Munde”, música cabo-verdiana interpretada por artistas como Celina Pereira.

Sons calmos, por vezes quase clássicos, que criaram desde cedo uma grande empatia, calma e intimista, entre o público e as teclas e sons de Ricardo de Deus.

O pianista brasileiro conta já com a participação em trabalhos e projectos de vários artistas cabo-verdianos, entre os quais Pantera. Residente em Cabo Verde desde 1999, Ricardo de Deus é actualmente um dos professores da escola de música Pentagrama, dirigida por Tó Tavares.



BINO PRETO EM TOCATINA NO CCF



Ainda não gravou um disco, mas Bino Preto é já uma das vozes habituais das noites musicais da capital. Presença habitual em diversos palcos, o músico estará em tocatina no próximo dia 18, sexta-feira, às 18h30, no Centro Cultural Francês da Praia, para embalar os espectadores ao som de mornas e coladeiras.

Bino Preto iniciou a sua carreira musical em 1986, ao entrar para o lendário grupo juvenil Abel Djassi, que tantos outros talentos deu à música cabo-verdiana. Cinco anos no conjunto permitiram-lhe apurar os seus conhecimentos musicais e hoje, aos 34 anos, Bino Preto toca guitarra, bateria e clarinete, neste último caso como membro da Banda Militar da 3ª Região Militar.

Na gaveta tem guardadas mais de 20 composições - algumas delas escritas há mais de 12 anos -, mas no concerto do dia 18, Bino Preto (guitarra e voz), acompanhado de Kiss (violão) e Africano (cavaquinho) interpretará somente mornas e coladeiras que foram êxito nos últimos anos. Uma tocatina acústica, como mandam as regras e bem ao jeito de Bino Preto.

É que, segundo o vocalista, “a tocatina é um género de espectáculo excelente, porque cria um ambiente mais íntimo e caloroso entre músicos e público”. Mas para o disco que tem na forja, e ao qual só falta um produtor, Bino Preto está a reservar um jeito diferente de interpretar a música cabo-verdiana.

Teresa Sofia Fortes

Música

Martin Schaefer e Lela Violão num só CD

Em 2002, Martin Schaefer e seu grupo Nomad's Land participaram no Fesquintal. Desde então o Martin Schaefer vem anualmente a estas ilhas para leccionar cursos de violino. Numa dessas viagens conheceu Lela Violão, durante uma tocatina no Quintal da Música. Uma grande amizade e empatia musical nasceu entre eles, tanto que levou Mário Lúcio e Teté Alinho a sugerirem que os dois gravassem juntos um disco. O álbum, que já está pronto mas ainda não tem data de lançamento, é uma combinação de duas culturas musicais nascidas em ilhas: a irlandesa e a cabo-verdiana.

“Lela Violão é um dos últimos grandes artistas da “velha guarda” e músicos cabo-verdianos que conhece bem as maneiras antigas de tocar e de acompanhar que, infelizmente, vão-se perdendo com o tempo”, elogia assim Martin Schaefer o talento do seu partner cabo-verdiano. Um guitarrista que, segundo o músico

européu, “tem uma maneira única de acompanhar uma mazurca, uma contra-dança ou um landum, além de ser um entertainer excelente quando pega o seu violão e canta velhas canções de variedade. Era por isso absolutamente necessário conservar esses momentos preciosos”.

E a melhor forma de fazer isso era gravando um disco. A ideia inicial era gravar composições de rabeça (duas mazurcas, uma contra-dança, um landum e a polca “viola e bic”) e algumas músicas de variedade. Mas, segundo Martin Schaefer, “durante a gravação Lela Violão começou uma morna pouco conhecida, que fala sobre as ilhas de Cabo Verde, escrita pelo irmão do proprietário do estúdio, Vuca Pinheiro, e decidimos incluí-la também no disco”.

Os planos seriam outra vez involuntariamente mudados por Lela Violão, que um dia decidiu tocar e cantar uma morna que Martin Schaefer aprecia muito - “Ronco di Mar” -

desde que escutou a versão instrumental gravada por Bau. E, assim, contra o projecto inicial, mais uma morna passou a fazer parte do repertório, onde se destacam também uma valsa da autoria do compositor Hansche Weiss, dois temas irlandeses (Irish Lullaby e “Lamentu Irlandês”), e duas músicas de variedade propostas por Lela Violão, “Sentimental Reason” e “L'Ange Rouge”.

Uma variedade de estilos a que Lela Violão soube responder sempre muito bem, conforme Martin Schaefer: “Ele adapta-se a todos os estilos, e mesmo quando não conhece o tema, ele arranja uma maneira encantadora de acompanhá-lo. Foi assim que tocámos junto uma valsa que costumamos tocar em Paris, que teve um acompanhamento surpreendente de Lela Violão”. Agora, é esperar para apreciar o disco, no qual também participou na guitarra de 12 cordas Meca, músico da nova geração que actua com os Simentera.

TSF



KRIOLIDADE

ASTROLOGIA

3ª Semana de Fevereiro

CARNEIRO



CARTA DA SEMANA: 8 de Copas, que significa **Concretização**.

AMOR: Revele os seus sentimentos à pessoa que ama.

SAÚDE: Faça um exame médico completo, certamente ficará mais descansado.

DINHEIRO: Poderá ser o momento para realizar o seu sonho.

Número da Sorte: 44

Números da Semana: 8, 4, 10, 17, 11, 33

GÊMEOS



CARTA DA SEMANA: 9 de Ouros, que significa **Prudência**.

AMOR: Veja quem é realmente seu amigo. Não se deixe enganar.

SAÚDE: Sem grandes problemas.

DINHEIRO: Estará financeiramente estável, aproveite para adquirir aquilo que sempre desejou.

Número da Sorte: 73

Números da Semana: 14, 36, 28, 44, 16, 1

LEÃO



CARTA DA SEMANA: 2 de Espadas, que significa **Afeição**.

AMOR: Procure ser mais optimista quanto ao seu futuro sentimental.

SAÚDE: Procure não andar tão enervado.

DINHEIRO: A sua forma de gerir as economias poderão conduzi-lo ao bom caminho.

Número da Sorte: 52

Números da Semana: 17, 23, 44, 13, 26, 1



SAGITÁRIO

CARTA DA SEMANA: Ás de Copas, que significa **Principio do Amor, Grande Alegria**.

AMOR: Você ainda não se apercebeu, mas a paixão está no ar.

SAÚDE: Opte por uma alimentação mais saudável.

DINHEIRO: Período não muito favorável em termos económicos.

Número da Sorte: 37

Números da Semana: 11, 23, 44, 26, 24, 49



TOURO

CARTA DA SEMANA: A Temperança, que significa **Equilíbrio**.

AMOR: Aproveite os momentos com a família pois dar-lhe-ão um grande bem-estar emocional.

SAÚDE: Durma mais para recuperar as energias.

DINHEIRO: Controle a impulsividade nos seus gastos.

Número da Sorte: 14

Números da Semana: 22, 13, 10, 47, 15, 3

CARANGUEJO



CARTA DA SEMANA: A Estrela, que significa **Protecção, Luz**.

AMOR: Aprenda a ser mais flexível com a sua cara-metade.

SAÚDE: Nada de grave a assinalar.

DINHEIRO: Verifique a sua conta bancária, poderá haver surpresas.

Número da Sorte: 17

Números da Semana: 3, 25, 46, 11, 27, 36



VIRGEM

CARTA DA SEMANA: Ás de Espadas, que significa **Sucesso**.

AMOR: Pense bem naquilo que quer para não magoar os outros.

SAÚDE: Tenha algum cuidado com os seus olhos, proteja-os.

DINHEIRO: Período positivo para colocar em marcha os seus projectos financeiros.

Número da Sorte: 51

Números da Semana: 14, 33, 12, 25, 4, 17



CAPRICÓRNIO

CARTA DA SEMANA: Ás de Ouros, que significa **Harmonia e Prosperidade**.

AMOR: Planeie um fim-de-semana romântico a dois.

SAÚDE: Modere a sua alimentação.

DINHEIRO: Aproveite o bom momento para alargar os seus rendimentos.

Número da Sorte: 65

Números da Semana: 12, 46, 33, 25, 6, 22

Maria Helena
Centro Português de Esoterismo
O Esoterismo e a Ciência de mãos dadas

Serviços:

Tarot - consultas por telefone

Astrologia

- mapa astral (adultos e crianças)
- mapa de compatibilidades
- ascendentes

Pode receber os nossos serviços por correio

Consultas por telefone

(Marque o indicativo de Portugal +) 21 3182599

Saiba as previsões para 2005

Receba grátis as características do seu signo

Avenida Praia da Vitória n° 43 - 1º andar 1000-246 Lisboa
(junto ao metro do Saldanha)Móvel: 96 371 73 73 - 91 727 48 26
Telef. da direcção: 21 318 25 90

E.mail: mhelenamartins@netcabo.pt

Site: www.astromhm.comSaiba as suas previsões diárias e semanais em www.sapo.pt/Astrologia

BALANÇA



CARTA DA SEMANA: Rei de Ouros, que significa **Inteligente, Prático**.

AMOR: Tenha pensamentos positivos, a sua companheira poderá surpreende-lo.

SAÚDE: O excesso de trabalho poderá ser seu inimigo.

DINHEIRO: Opte por economizar, principalmente nesta altura.

Número da Sorte: 78

Números da Semana: 17, 42, 35, 19, 2, 23



AQUÁRIO

CARTA DA SEMANA: Rei de Paus, que significa **Força**.

AMOR: Aja com mais espontaneidade, a sua cara-metade reconhecerá a sua mudança de comportamento.

SAÚDE: A saúde é o espelho da nossa alma, nunca se esqueça disso.

DINHEIRO: Aja com prudência e seja poupado.

Número da Sorte: 36

Números da Semana: 14, 27, 23, 5, 10, 36

ESCORPIÃO



CARTA DA SEMANA: 2 de Copas, que significa **Amor**.

AMOR: Poderão surgir novas paixões na sua vida.

SAÚDE: Tendência para dores de cabeça e insónias.

DINHEIRO: Trabalhe afincadamente e receberá os frutos do bom trabalho prestado.

Número da Sorte: 38

Números da Semana: 4, 17, 45, 13, 23, 10



PEIXES

CARTA DA SEMANA: 3 de Espadas, que significa **Amizade, Equilíbrio**.

AMOR: Poderá surgir uma nova amizade.

SAÚDE: Tendência para alguns problemas digestivos.

DINHEIRO: Compre algo que o satisfaça, você merece um presente.

Números da Sorte: 53

Números da Semana: 37, 29, 46, 10, 1, 22

ARTES PLÁSTICAS

BENTO OLIVEIRA

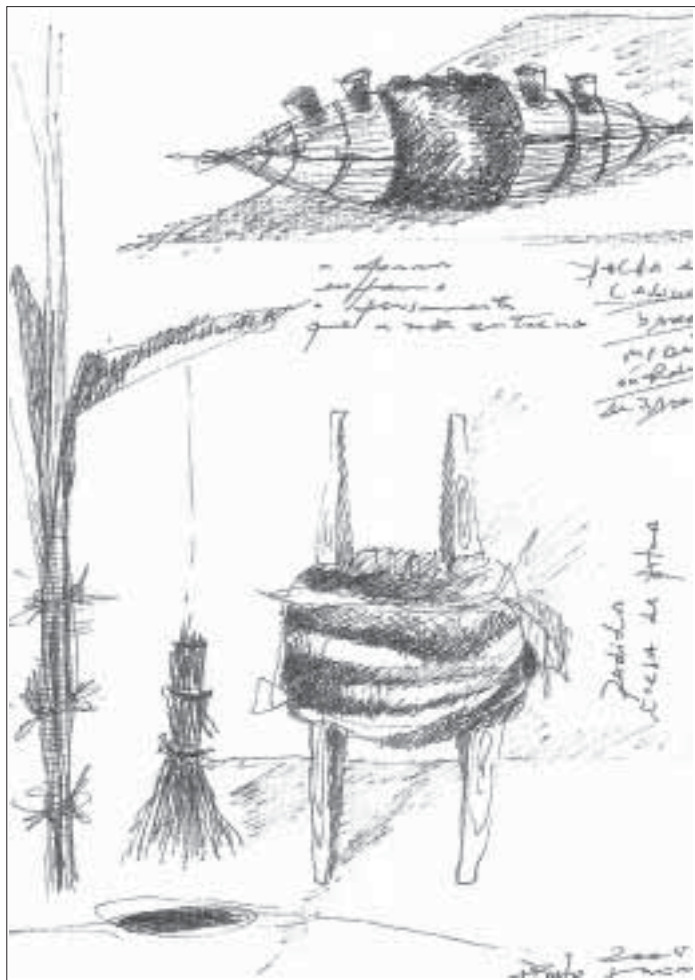
pena levar a sua arte à França

O jovem criador santantonense Bento Oliveira foi convidado a expor os seus trabalhos de xilogravura na França, por altura das comemorações do trigésimo aniversário da independência de Cabo Verde. Antes, porém, aquele multifacetado artista, que se "refugia" na tranquilidade da zona de Coculi para criar as suas obras, fará uma curta viagem ao Mindelo para expor "objectos tridimensionais" feitos a partir de materiais orgânicos dos vales e montanhas de Santo Antão.

A concretizar-se esse convite para expor na França, na companhia de outros artistas cabo-verdianos, Bento aproveitará a ocasião para instalar no espaço disponibilizado xilogravuras que reflectem as suas vivências, enquanto "ser humano que observa, sente e propõe visualmente formas". Aliás, a xilogravura constitui um marco do processo criativo daquele artista plástico por lhe permitir a "concretização visual sincera" do seu pensamento.

Por isso para a sua exposição em França, o jovem artista seleccionou as gravuras em madeira. É com eles que irá fazer a sua apresentação na terra em que nasceu o pintor Toulouse Lautrec, cujos traços influenciam de algum modo as pinceladas e os desenhos de Oliveira.

De todo o modo, neste momento Bento Oliveira está mais empenhado na criação de "objectos tridimensionais", feitos a partir de materiais colhidos na natureza, e que ele vai



Sem se fixar em nenhum padrão estético convencional, Bento Oliveira tem um modo peculiar de criar esses "objectos", pois parte das formas de artefactos da vivência quotidiana do santantonense, faz os esboços em papel - através de desenhos e pequenos lembretes - e só depois começa a dar forma à sua imaginação, fazendo a arte acontecer. Outras vezes, o artista reproduz na sua arte as memórias da infância, além de figuras imaginárias do povo de Santo Antão.

Formado em artes na Universidade de Belém do Pará, Brasil, aquele jovem santantonense fez seis exposições individuais e duas colectivas naquele país da América do Sul. De uma incursão inicial pela pintura com traços do expressionismo, Bento encontrou no desenho, na xilogravura e nas esculturas o modo de revelar o seu envolvimento íntimo com as paisagens santantonenses, a força simbólica das cores e a memória da sua infância, reproduzindo figuras imaginárias do Ti Lobo, Chibinho e outras tantas personagens dos contos tradicionais.

Homem empenhado, Bento Oliveira está em quase todas as iniciativas culturais na Ribeira Grande, não só a conceber cenários como também para levá-los a bom porto. Passa até "noites em claro" a trabalhar no seu "espaço de criação", em Coculi, a tocar flauta para o "mar ouvir" ou a contemplar o luar da sua janela. Tudo pela pintura. João Almeida Medina



JOSÉ LUÍS TAVARES

é finalista de Prémio

Correntes d'Escrita

O poeta José Luís Tavares, através do seu livro "Paraíso Apagado por um Trovão", é um dos 10 finalistas do Prémio Correntes d'Escrita. O vencedor será anunciado no próximo dia 16, quarta-feira, no Casino da Póvoa, Portugal. "Paraíso Apagado por um Trovão" e os outros nove livros finalistas foram escolhidos de uma lista de 24 pré-seleccionados, de um conjunto de 166 títulos enviados a concurso.

São obras da autoria de poetas de todos os países de expressão portuguesa: "Duende", de António Franco Alexandre; "Lições de Trevas", de Fernando Guimarães; "Nenhum Nome Depois", de Maria do Rosário Pedreira; "O Estado dos Campos", de Nuno Júdice; "O Tabaco de Deus", de Paulo José Miranda; "Os Livros", de Manuel António Pina; "Repercussão" e "Rua de Portugal", ambos de Gastão da Cruz; e "Zona de Caça", de Jaime Rocha.

No ano passado, a obra vencedora foi o romance "O Vento Assobiando nas Gruas", da escritora portuguesa Lídia Jorge. Este ano, o júri constituído por cinco elementos - Isabel Pires de Lima, Rosa Maria Martelo, Luís Carlos Patraqueim, Vergílio Alberto Vieira e Patrícia Reis - premiará uma obra de poesia.

Mas as Correntes d'Escrita, que conhece este ano a sua sexta edição, não é só o prémio literário. A festa da literatura e dos livros, que acontece de 15 a 19 de Fevereiro, abre com a exposição de pintura e desenho do artista moçambicano Malangatana e a exibição de "A Costa dos Murmúrios", filme de Margarida Cardoso baseado no romance homónimo de Lídia Jorge.

O programa inclui também os habituais encontros e mesas-redondas com os escritores participantes, sessões em escolas dos concelhos, recitais, uma feira do livro, lançamento de novas obras e uma conferência por Agustina Bessa-Luís no dia 16, no Auditório Municipal. No mesmo dia será apresentado, no Casino da Póvoa, o sexto número da Revista Correntes d'Escrita.

A VI edição de Correntes d'Escrita vai contar com a participação de 60 autores vindos de 12 países. 34 são portugueses, seis espanhóis, quatro angolanos; o Brasil e Moçambique enviaram três cada e Argentina e a Colômbia dois cada; finalmente, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Perú, Chile e Croácia representam-se cada por um seu escritor.

Teresa Sofia Fortes

Pintura

Mário Barbosa expõe no PC



O artista plástico Mário Barbosa apresenta a partir do próximo dia 17, quinta-feira, uma exposição de quadros em estilos modernos, no Palácio da Cultura Ildo Lobo. Esta é a terceira mostra do pintor fogueense na Praia, galardoado em 2003 com o primeiro lugar no Concurso de Pintura Garantia graças ao quadro "Minha Infância".

Em exposição vão estar 18 quadros, dedicados aos mais diversos temas da actualidade cabo-verdiana, com destaque para a violência doméstica e a discriminação dos doentes mentais. Uma provável reacção negativa a esses dois assuntos preocupa Mário Barbosa, mas o artista, que diz sentir-se mais à vontade a pintar estilos como impressionismo, em 2003 foi o cubismo ou surrealismo, afirma que "é preciso enfrentar os aspectos negativos da nossa sociedade".

Segundo classificado na Bienal de Jovens Artistas promovido em 2002 pela Direcção-

-Geral da Juventude, em São Vicente, Mário Barbosa é, aos 33 anos de idade, um artista dos tempos livres. Professor do EBI, em São Filipe, é no fim de cada dia de trabalho e nos fins-de-semana que encontra tempo para pintar. Um prazer que descobriu em 1998. Nesse ano, Mário Barbosa foi convidado por dois amigos para fundar um atelier de artes plásticas - o Laboratório de Experiências Vivenciais (LEV).

Por ironia da vida, os dois companheiros abandonariam o projecto algum tempo depois para emigrarem em busca de uma vida melhor. Sozinho, Mário Barbosa foi levando o atelier adiante, mas teve que fechar as portas quando o dono do espaço - a Câmara Municipal do Fogo - exigiu a devolução do imóvel. Agora, é em sua casa que pinta os quadros que vai mostrar até o dia 3 de Março no PC.

TSF

KRIOLIDADI

Carnaval
2005

Mindelo faz história

A cidade do Mindelo sambou o Carnaval movida pela lembrança enérgica do malgrado autor dos solos de "Boas Festas". Grupos oficiais e espontâneos criaram alegorias e músicas numa clara homenagem ao saxofonista Luís Morais, talvez o maior tributo feito pelo povo do Mindelo à memória do artista. "Vários tipos de mensagens são transmitidas no Carnaval, por isso é preciso estarmos atentos para conseguirmos captá-las. Mas, na verdade, foi notória a intenção de alguns grupos em mostrar que Luís Morais continua presente no coração dos mindelenses", diz Otelvina Barros.

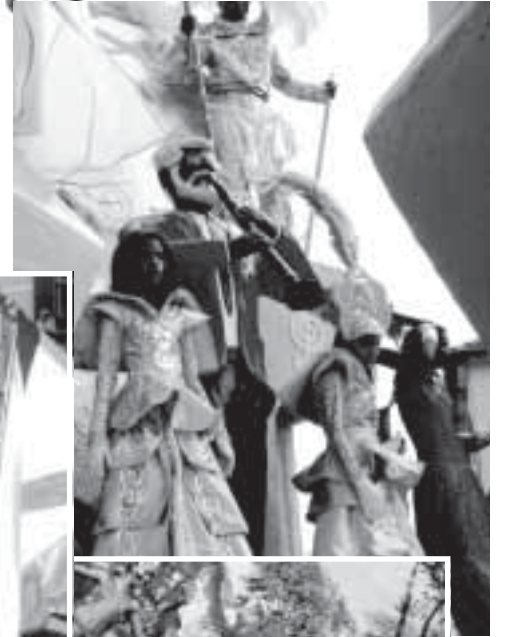
Num misto de cor e folia, S. Vicente cumpriu a promessa de um desfile para a história do Entrudo cabo-verdiano. Apesar dos contratemplos, nomeadamente atrasos que afectaram três dos seis grupos oficiais, o Carnaval saiu às ruas com alma e criatividade. E foi isso mesmo que o Samba Tropical, o grupo que continua fora do circuito oficial dos prémios mostrou logo na segunda-feira, ao tirar o chapéu à emigração cabo-verdiana.

A história foi contada em sequência com brilho, luxo, cor e animação e abarcou os principais países de acolhimento dos cabo-verdianos.

À frente de dez meninas, esbanjando saúde e beleza abriam caminho a uma narrativa de todos nós: a saga da emigração cabo-verdiana nos quatro cantos do mundo. O carro alegórico dava o condimento necessário ao conto através da reprodução dos principais países de acolhimento dos cabo-verdianos com os seus símbolos particulares: o tambor (África), o Padrão dos Descobrimentos (Portugal), a Estátua da Liberdade (América), a Torre de Pisa (Itália), os Moinhos e tulipas (Holanda) e a Torre Eiffel (França), numa harmonia e sequência que emocionou Mindelo.

CARNAVAL NA PRAIA
EVOCA ESCRAVATURA

As ruas da Praia foram invadidas, na terça-feira passada, por uma multidão com vontade de brincar ao Carnaval. Rodeados pelo som da batucada, por cor e ritmo, os grupos carnavalescos, Amigui e Afro da Escola Técnica, prenderam a atenção das centenas de pessoas que ocupavam a avenida marginal e os muros do Plateau. Dias antes outros foliões, entre grupos infantis e adultos, trataram igualmente de salvar a face do Carnaval na capital. O tema escolhido pelas duas principais formações, Amigui e Afro da Escola Técnica, foi a escravatura. O Amigui foi rei e senhor ao levar para a pasarela os ritmos, tradições, história e cultura da Guiné, enquanto o Gamal e o seu grupo levaram aos capitalinos toda a sua irreverência e sentido da história das ilhas. É a Praia a dar o tom de um carnaval diferente e baseado na cultura das ilhas, mas que não consegue sair disso mesmo, de meros sinais.

PATCHÊ PARLOA
VENCE NO SAL

Patchê Parloa é o grupo campeão do Carnaval na ilha do Sal, num concurso em que participaram também os Raios Vermelhos de Santa Maria e Hortemôro. Este ficou em segundo lugar, e ainda arrecadou o prémio de melhor presidente para Ângelo Nereu. De resto, Patchê Parloa conseguiu ainda o prémio de melhor composição, porta-bandeira, e só não levou o de melhor rei que ficou com Raios Vermelhos. É opinião geral que o Sal viveu um dos seus melhores carnavais dos últimos anos, com tudo a indicar que essa festa vai passar a fazer parte do produto turístico da ilha.



Sonho realizado

Sem contestação, "Sonhos sem Limites" arrastou para debaixo dos braços os três principais prémios do Carnaval mindelense: casal real e o primeiro lugar do desfile oficial. A persistência de São Costa deu finalmente o fruto que ela sempre quis saborear. Além dos 550 contos de prémio, os sonhadores viajaram ainda mais longe e arrecadaram o título da realza, com a eleição do rei Paulo Fortes e da rainha Tatiana Furtado.

As "Baianas de Monte Sossego", sérias candidatas ao título, ficaram no segundo posto mas tiveram também direito ao prémio da segunda dama, atribuído a Dora David, e também ao título de porta-bandeira, ganha por Neusa Silva. A primeira dama veio das Flores de Alecrim, o nome dela Maria Neves.

Estreante nas lides do carnaval, Ribeira Bote foi uma revelação, apesar dos contrangimentos sofridos no desfile. O prémio da música, composição da autoria de Vlú, ficou na zona libertada assim como o terceiro posto da geral.

Apenas três dos seis grupos foram premiados no desfile oficial: Sonhos sem Limites, Baianas de Monte Sossego e Ribeira Bote. Quanto a Flores de Alecrim, Calhau e Veteranos e Flores de Monte Sossego serão contactados pela edilidade, que lhes prometeu outro tipo de compensação.

CINZAS E ESCARAVELHOS

Espalham-se cinzas, em quarta-feira festiva para o estômago. Come-se e bebe-se, inicia-se o período de abstinência quaresmal com a festança barulhenta dos arrotos no fim de almoço e das tonturas etílicas que fazem o mundo parecer perfeito. Queima-se o carnaval - o que resta dele - e espalham-se os seus restos mortais. Feriado nacional para todos os seres vivos, em que estômagos e demais associados são flagelados com uma autêntica escravidão digestiva.

São olhos esbugalhados, os que se sentam às mesas. Ramelosos e convictos de que o carnaval de ontem foi de arromba, mau grado as paródias desorganizadas em avenidas marginais. Ao ritmo do desusado batuque ou do tão nacional samba brasileiro, os garfos elevam-se, os dentes moem, a língua envolve e revolve o xerém, peixe seco humedecido na ácida saliva. No cumprimento da sua função, os sucos estomacais põem a toda a prova a capacidade das glândulas exploradas até ao tutano na sua actividade laboral. O sindicato do corpo reclama e boicota os movimentos, enchendo de pedras as barrigas que cheias, pedem mais, sempre mais. E o sorriso abre-se, pedaço de

peixe à vista entre os dentes anestesiados em ponche e grogue que se mostram num sorriso.

São cinzas esborratadas de maquilhagem do dia anterior. Corpos ao léu, até a trutchida é feita à pressa com feijão ressecado, desnudo, uma única cuequinha fio dental e plumas esbranquiçadas feitas com ovo escalfado. Carnaval esturricado em todo o seu esplendor, cuz-cuz melado por aquela dama bonita vestida de verde-couve e amarelo-xerém.

Aos soluços e com comida acumulada até ao cérebro, eis que se regressa a casa. No aconchego da sesta, criolinho meditará, seguramente, sobre o significado deste dia cinzento, que marca o início do período de quarentena que o filho do Deus passou no deserto, seguramente empanurrado de nutritivos e saborosos escaravelhos. "Os tempos e os desertos são outros", pensa-se então, em acto de contrição fugitivo. O palito metido na bocarra besuntada de mel encontra, escondido na cova de um dente, um pedaço de pecado. Um arrote traz à boca o sabor da cinza que empanurra.

Pedro Cardoso

